

QUESTÕES DE LÍNGUA E DE IDENTIDADE: (N)AS TRAMAS DE UM BILINGUISMO DE ESCRITA

Maria Angélica Deângeli
Gabriela Oliveira**

Resumo: O presente trabalho visa tecer algumas considerações acerca da noção de bilinguismo e das questões identitárias que perpassam tal fenômeno. Considerando que a identidade e a diferença se constituem na e pela linguagem e “não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido” (SILVA, 2000, p. 78), o processo de identificação para aqueles que transitam entre dois ou mais sistemas de significação torna-se mais complexo, levando-nos, assim, a interrogar a abrangência de tal termo. Partindo da escrita autobiográfica e literária de Leïla Sebbar e Nancy Huston, mais especificamente da obra *Lettres parisiennes: histoires d'exil* – composta por cartas que colocam em relevo os conflitos identitários daqueles que vivem entre línguas e culturas e problematizam a situação do sujeito bilíngue a partir de sua condição de exílio (geográfico) – observaremos de que maneira as autoras buscam na escrita uma forma de reinventar seus fragmentos de identidade, sobretudo a partir de suas experiências linguísticas. Pautada em estudos que vinculam língua e identidade (CORACINI, 2007; DEÂNGELI, 2012), nossa reflexão se situa nas fronteiras entre várias disciplinas, de forma que o bilinguismo é aqui entendido como fenômeno que atravessa a subjetividade daqueles que, por diversas razões, vivem entre línguas e culturas.

Palavras-chave: Identidade. Bilinguismo. Escrita. *Lettres parisiennes*. Leïla Sebbar. Nancy Huston.

Abstract: This paper aims to weave some considerations about the bilingualism notion and the identities issues that pass through such phenomenon. Considering that identity and difference are constituted in and for the language and that they “cannot be understood, so, out of the systems of signification in which they acquire meaning” (SILVA, 2000, p. 78), the process of identification for those who transit between two or more systems of signification becomes even more complicated, leading us, therefore, to interrogate the coverage of such term. From the autobiographical and literary writing of Leïla Sebbar and Nancy Huston, more especially from the work *Lettres parisiennes: histoires d'exil* – composed by letters that emphasize the identity conflicts of those who live between languages and cultures and problematize the situation of the bilingual subject, from their condition of exile (geographical) – we will observe how the authors search in the writing a way to reinvent their fragments of identity, mainly as from their linguistic experiences. Based on studies that link language and identity (CORACINI, 2007; DEÂNGELI, 2012), our reflection is located on the borders between many disciplines; in this manner bilingualism is understood here as a phenomenon that crosses the subjectivity of those who, for several reasons, live between languages and cultures.

Keywords: Identity. Bilingualism. Writing. *Lettres parisiennes*. Leïla Sebbar. Nancy Huston.

· Departamento de Letras Modernas, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Câmpus de São José do Rio Preto, Estado de São Paulo, Brasil, deangeli@ibilce.unesp.br

** Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), Universidade Estadual Paulista (Unesp), Câmpus de São José do Rio Preto, Estado de São Paulo, Brasil, gabriela_oliveira_silva@live.com

Trama inicial

Elaborar uma reflexão sobre a noção de bilinguismo implica trazer para a cena as diversas concepções de tal fenômeno, as quais podem ser lidas sob um viés mais tradicional ou de acordo com uma abordagem menos estruturalista e inserida, assim, numa corrente de pensamento dito pós-moderno. A fim de cumprir tal tarefa, tentaremos demonstrar como a escrita de Nancy Huston e Leïla Sebbar desloca a noção de bilinguismo não apenas corroborando ideias pós-modernas (sobretudo de língua e de linguagem), mas também apontando para a complexidade que coloca a noção de bilinguismo de escrita. As particularidades desse bilinguismo de escrita foram buscadas nos indícios do próprio texto. Voltando-nos para as questões discursivas e textuais, buscamos demonstrar a intrínseca relação entre identidade e escrita evidenciada pelas formas linguísticas das quais lançam mão as autoras, enunciando, assim, suas posições culturais e sociais e suas relações subjetivas com a língua francesa.

A problemática das línguas passa pelas questões de identidade na medida em que tanto a língua quanto a identidade só ganham sentido dentro do sistema de significação no qual foram criadas, ou seja, elas são construções sociais e culturais, portanto, instáveis. Além de compartilharem dessa instabilidade fundante, são constitutivas uma da outra: não há processo de identificação sem língua. A língua na qual somos criados interfere na maneira como vemos e entendemos o mundo e, ao mesmo tempo, é moldada pela cultura e pela subjetividade dos seus falantes. São as características de instável, processual e criável das línguas que nos levam a refletir sobre a heterogeneidade das línguas e dos sujeitos, pois admitir tais caracterizações torna urgente repensar o paradigma essencialista nos estudos da linguagem e permite vislumbrar as inúmeras partes que compõem o *todo* que chamamos de identidade. A ideia de multiplicidade no cerne da identidade faz com que concebamos esta última como algo indecifrável, assim, o que podemos apreender da suposta noção de identidade são apenas fragmentos: fragmentos de língua, de cultura, de história, de saberes. Esse pensamento torna-se ainda mais complexo ao acrescentarmos as línguas chamadas estrangeiras à reflexão, pois, quando se trata de lidar com a estrangeiridade do outro, vindo de outro lugar com uma língua também outra (Cf. DEÂNGELI, 2012), tais fragmentos de identidade se disseminam no horizonte da indecidibilidade, do que está por vir e, portanto, nunca é acabado ou finito. Aquele que vem de outro lugar é, por definição, o estrangeiro, o imigrante, o sujeito lançado em movimento geográfico pelos fenômenos políticos e sociais reforçados pelo fenômeno da globalização e pelas consequências, muitas vezes nefastas, da pós-modernidade. Nesse

contexto político, linguístico e social, língua, identidade e bilinguismo estão intrinsicamente ligados.

Com base nessas questões¹, tencionamos abordar a complexa relação entre os fragmentos que compõem a identidade, pautadas na noção de que a identidade não é homogênea e nunca se completa, devendo ser entendida como um processo contínuo e complexo que se forma na relação social e histórica, mas também individual e subjetiva do eu consigo mesmo e do eu com o outro. Apresentamos, primeiramente, alguns trabalhos que se debruçaram sobre o bilinguismo, repensando a problemática da subjetividade e questionando a oposição entre língua materna e língua estrangeira. Num segundo momento, analisamos trechos das cartas da obra *Lettres parisiennes: histoires d'exil* a fim de discutirmos a relação entre língua e identidade e bilinguismo e escrita. Por fim, lançamos alguns questionamentos em relação às tramas que compõem a escrita bilíngue.

O bilinguismo e suas tramas

O bilinguismo, em nosso trabalho, é estudado a partir da relação entre as línguas que perpassam o sujeito e a partir da subjetividade daquele que vive entre línguas. De tal forma que bilinguismo não é a simples proficiência em duas línguas, mas também, e sobretudo, um fenômeno de imbricamento de línguas, que provoca, inevitavelmente, consequências na constituição identitária do sujeito. Tal entendimento deriva de leituras que deslocam a noção tradicional de bilinguismo trazendo à baila a complexidade das relações dos sujeitos com as línguas que fala e/ou nas quais escreve. Nossas reflexões são principalmente pautadas nas considerações de Coracini (2007), Deângeli (2012), Clémens (1997) e Klein-Lataud (1996).

Tradicionalmente, entende-se por bilinguismo o domínio completo de duas línguas. Partindo de uma definição bastante restritiva do fenômeno, o bilíngue seria um sujeito com proficiência semelhante à de um nativo em duas línguas, capaz de escolher livremente qual língua usar em cada momento. Por outro lado, é crescente o número de estudos que reconhecem a complexidade do fenômeno bilinguismo, evitando restrições categóricas. Assim, é possível encontrar pesquisas relevantes que abarcam a questão da identidade e as implicações do viver entre línguas, ou seja, trabalhos que analisam o bilinguismo com enfoque na subjetividade do bilíngue.

¹ Para um estudo mais detalhado sobre o assunto, ver Oliveira (2016).

Dentre tais trabalhos, cabe mencionar as pesquisas de Coracini (2007), que pontuam a importância de “capturar traços de identificação que permitem compreender como se constitui pela linguagem – sempre híbrida – a identidade móvel, dinâmica, do indivíduo” (p. 117). Nesse sentido, a pesquisadora define os sujeitos bilíngues como aqueles “que falam mais de uma língua – e, por isso mesmo, são atravessados por traços culturais em conflito” (p.117); conflito derivado de um sentimento de se ver e de estar o tempo todo entre, num movimento que reforça o poder de alteridade de toda língua. Considerando, então, que a totalidade e o domínio das línguas não passam de ilusões, é plausível usar o termo bilinguismo para se referir ao fenômeno vivido por esses sujeitos entre línguas sem cair na armadilha da totalização. Tal uso, evidentemente, é aqui permeado pela problematização do que se denomina língua materna e língua estrangeira, já que a tradição dos estudos sobre bilinguismo se pauta numa forte separação e diferenciação entre as línguas aprendidas.

Essa usual distinção, que situa, de um lado, a “língua materna inconscientemente adquirida e, de outro, a língua estrangeira, objeto de aprendizagem, processo consciente ou, ao menos, controlável” (CORACINI, 2007, p. 119), é problematizada ao nos depararmos com sujeitos que se interrogam “sobre a legitimidade de sua língua materna diante do conforto – aparentemente livre de *inter-dições* (no sentido do “dizer entre”) – da língua estrangeira” (p. 119). Tanto a língua materna quanto a língua estrangeira podem permitir situações de mal-entendido e conforto, diversas interpretações e expressão espontânea, não sendo, nem uma nem outra, transparente ou serena.

Coracini (2007) toma por base as reflexões de Robin e Derrida para exemplificar o uso da língua estrangeira diante da impossibilidade de dizer o que parecia interdito na língua dita materna:

Robin (1993) traz outros exemplos em que a língua do outro (estranha, estrangeira) dá a ilusão de uma certa transparência, de poder dizer tudo, mesmo e, sobretudo, o que está interdito no que se chama de língua materna, “como se (a língua estrangeira) fosse um universo neutro que dirá o absurdo e a desesperança” (p. 17). [...] “como se o impossível a dizer em sua língua pudesse ser dito na outra língua” (*idem, ibidem*) ou na língua do outro (mas seria realmente do outro?), dizer como escritura, inscrição do sujeito (híbrido) numa língua que é, como ele, sempre híbrida, que é sempre do outro e sempre sua (Derrida, 1996)... (CORACINI, 2007, p. 127).

Com o intuito de explorar a imagem que o sujeito tem das línguas que fala e de investigar a maneira segundo a qual essas línguas o constituem enquanto sujeito, Coracini analisa os discursos de sujeitos bilíngues – entre línguas e culturas – e conclui que:

É preciso questionar a oposição língua materna / língua estrangeira, pois toda língua é, ao mesmo tempo, o lugar do repouso e o lugar do estranhamento, o lugar da interdição e o lugar do gozo... A subjetividade que a língua constrói não se completa nunca, pois ela sofre transformações importantes ao longo da vida do indivíduo; ela não é nunca completa, nunca acabada: ela se constitui à medida que se dão as experiências individuais que são sempre e necessariamente sociais. Não há língua-origem, língua pura, única, perfeita, fechada, a não ser na idealização – invenção – do imaginário, responsável pelo sentimento de identidade que nos protege do conflito constitutivo de toda subjetividade. Toda língua como todo sujeito são atravessados por outros, pelo Outro, toda língua é o outro... Segundo Derrida (1996), essa língua única, sempre idealizada, inventada, é a “monolíngua do outro”, que provém do outro, “a língua é do outro, vinda do outro, a vinda do outro” que o sujeito deseja (p. 127, grifos no original). Trata-se sempre de promessa – promessa de unidade, promessa de possibilidade (ilusória!) de sua apropriação, ainda que parcial para se transformar em objeto – objeto de análise, objeto de ensino... (CORACINI, 2007, p. 131, grifo original).

Seguindo outro viés, sem ignorar a dimensão subjetiva da discussão, Charles Melman (1992) parte da psicanálise para tecer considerações sobre as incidências subjetivas do bilinguismo e mostrar que saber e conhecer uma língua são coisas distintas. De acordo com o autor, saber uma língua é ser falado por ela, essa língua faz parte do inconsciente do falante; ao passo que conhecer uma língua é ser capaz de traduzi-la mentalmente, a partir da língua que se sabe (1992, p. 15). Nesse sentido, e embora possa parecer paradoxal, para o autor, ser bilíngue é saber duas línguas. Entretanto, Melman questiona a existência do bilinguismo, pois, para o autor, o lugar de manifestação do desejo seria exclusivo da língua materna, já que é nela que a *mãe* foi interditada. Segundo Deângeli, “esse interdito constitui, para Melman, o elemento fundamentalmente diferenciador dos conceitos de língua materna e de língua estrangeira” (2012, p. 74). É nesse sentido de questionamento do materno e do estrangeiro que Deângeli (2012) escreve:

A língua sob o signo da disseminação é o que nos permite, a partir de Derrida, pensar o materno e o estrangeiro, o materno como estrangeiro, o estranho-familiar das línguas, no traçado de suas escrituras, de suas vozes e de suas histórias, sem encerrá-los no jogo da falta e da castração (p. 78-79).

Coracini (2007), ao analisar as relações dos sujeitos com suas línguas, também questiona a dita impossibilidade de saber a língua chamada estrangeira, a afirmar que “a língua chamada estrangeira tem uma função formadora, atuando diretamente na imagem de nós mesmos e dos outros, na constituição identitária do sujeito do inconsciente” (p. 152). Conseqüentemente, uma discussão importante nos estudos da linguagem, segundo a autora, é a que se coloca na seguinte pergunta: “como falar de língua estrangeira se essa língua também constitui o sujeito? E como falar de língua materna, própria, se também esta provoca, no sujeito, experiências de estranhamento?” (CORACINI, 2007, p. 137). Dessa maneira, seguindo o pensamento de Coracini (2007), podemos afirmar que é possível saber ou *saborear* duas (ou mais) línguas.

Considerando questões de ordem mais linguística, sem, entretanto, ignorar conflitos outros que atravessam a subjetividade daquele que vive entre línguas, e partindo da situação específica do escritor, destacamos, no contexto de pesquisas que se interessam por autores não franceses de expressão francesa, os trabalhos de Éric Clémens (1997). De acordo com o autor, a função do escritor está na demonstração de sua experiência do *disfuncionamento* da língua, ou seja, caberia ao escritor, sujeito entre línguas por excelência, colocar em relevo a dissimetria inerente aos usos das línguas. Para Clémens toda língua é estrangeira a ela mesma, quaisquer que sejam as situações em que é utilizada, tal como expõe na seguinte passagem:

Se a escrita se forja e a ficção se forma nessa travessia e nesse confronto, sem o qual nenhuma experiência vivida, nenhuma memória, nenhuma reflexão e nenhuma invenção tem lugar, não há nenhum paradoxo na dupla afirmação de que somos escritores de língua francesa, não importa de onde viemos, e de que a língua francesa, como toda língua, é estrangeira a ela mesma para qualquer um que procure falar essa língua. Se o escritor tem uma função, onde ela aparece senão na *revelação* de sua experiência do disfuncionamento da língua? Toda linguagem verdadeira é incompreensível em termos de função, de comunicação e de compreensão (CLÉMENS, 1997, p. 121-122, grifos originais).²

² *Si l'écriture se forge et la fiction se forme dans cette traversée et cet affrontement, sans lesquels aucune expérience vécue, aucune mémoire, aucune réflexion et aucune invention n'ont lieu, nul paradoxe ne réside dans la double affirmation que nous sommes des écrivains de langue française, d'où que nous venions, et que la langue française, comme toute langue, est étrangère à elle-même pour qui cherche à parler. Si l'écrivain a une fonction, où peut-elle apparaître sinon dans la monstration de son expérience du dysfonctionnement de la langue ? Tout vrai langage est incompréhensible en termes de fonction, de communication et de compréhension.* Todas as traduções dos excertos em francês são nossas, salvo indicação em contrário. Cabe esclarecer também que optamos por colocar em nota de rodapé todas as transcrições dos excertos em francês, pois consideramos que esse exercício de leitura realiza o propósito deste trabalho, ou seja, apresentar-se como uma leitura *entre línguas* das escritas de Nancy Huston e de Leïla Sebbar.

Essa fala de Clémens ocorreu durante um encontro de escritores francófonos em Paris, e o autor questiona em sua apresentação justamente a noção de escritor francófono, título dado aos não franceses que escrevem em francês, por diversas razões. Assim, entendemos que para Clémens o francês é língua estrangeira não pelo fato de ele não ser francês, mas por ser sua língua de escrita; muito além de uma simples ferramenta de comunicação é língua imbricada por várias outras línguas. E o escritor é, por definição, o sujeito que se constitui na travessia dessa imbricação.

Ainda no texto *Les langues dans la langue* (1997), Clémens faz referência a um outro trabalho de sua autoria, no qual traz uma definição bastante interessante de língua materna e língua estrangeira, que juntas ele chama de *línguas subterrâneas* (*langues souterraines*):

A língua materna, em primeiro lugar, quer dizer a língua na qual toma forma o desejo primário no significante e, transpondo sua ordem, os murmúrios, os soluços, os suspiros e as palpitações; os gritos, os risos e os choros, os burburinhos e as cantigas de ninar, mas também as línguas que, no cerne da vida social, vêm se substituir a esta língua de um gozo sem fundo e interromper, desordenar os discursos dominantes: as línguas baixas, obscenas (sexuais, escatológicas), injuriosas, risonhas, mimadas, gírias e jargões, palavrões e insultos, trocadilhos e jogos de palavras..., que são tantas contra-violências [...] diante das línguas de poder; línguas estrangeiras, em seguida, [inclusive os patoás e os dialetos], que introduzem na consciência a arbitrariedade da linguagem, a falta de domínio dos sentidos, de sua disseminação, a alteridade na língua; as línguas do intertexto, enfim, os cruzamentos, as invasões, até mesmo os acoplamentos das raízes das palavras, dos outros textos [...] e de todos os discursos que já testemunham a travessia e o confronto das línguas (CLÉMENS, 1993, p. 152 apud CLÉMENS, 1997, p. 121, grifos originais).³

Assim, a língua materna e a língua estrangeira são as línguas que “turvam e esburacam a ordem que nos liga à sociedade pela comunicação” (CLÉMENS, 1997, p. 121). Flagrando uma situação bilíngue (ou plurilíngue) no interior da própria língua (ou de cada língua), é para a questão do enfrentamento que Clémens chama a atenção. Independentemente de onde quer que nos situemos – dentro ou fora do território, como anfitriões ou como hóspedes – é a

³ La langue maternelle, en premier lieu, c'est-à-dire la langue où prend forme le désir primaire dans le signifiant et en travers de son ordre, les souffles, les hoquets, les halètements et les battements, les cris, les rires et les pleurs, les babillements et les berceuses, mais aussi les langues qui, au sein de la vie sociale, viennent relayer cette langue d'une jouissance sans fond et interrompre, désordonner les discours dominants : les langues basses, obscènes (sexuelles, scatologiques), injurieuses, rieuses, cajoleuses, des argots et des jargons, des jurons et des insultes, des calembours et des jeux de mots..., qui sont autant de contre-violences [...] face aux langues des pouvoirs; langues étrangères, ensuite, [y compris des patois et des dialectes], qui introduisent à la conscience de l'arbitraire du langage, de la non-maîtrise du sens, de sa dissémination, de l'altérité dans la langue; les langues de l'intertexte, enfin, des croisements, des empiètements, voire des accouplements des racines des mots, des autres textes [...] et de tous les discours qui témoignent déjà de la traversée et de l'affrontement des langues.

estrangeiridade da língua que prevalece sempre para o sujeito, múltiplo e fragmentado em sua constituição. Dessa forma, pensando no fenômeno do bilinguismo como algo que cada sujeito vive de maneira diferente e fugindo da tradição fonocêntrica, que põe em foco a fala, nos interrogamos sobre a escrita bilíngue, ou ainda, sobre a escrita *literária* na língua chamada estrangeira.

Em seu texto *Les voix parallèles de Nancy Huston* (1996), Christine Klein-Lataud se volta para a problemática dos escritores bilíngues e traça algumas considerações acerca da pluralidade subjetiva que nos constitui. De acordo com a autora, o “EU é um outro (...) e a diferença de língua favorece essa multiplicação” (KLEIN-LATAUD, 1996, p. 219), ou seja, o deslocamento do sujeito se acentua quando ele experimenta uma situação bilíngue. Para se referir a essa mudança provocada no sujeito pelo uso da língua estrangeira, Klein-Lataud chama a atenção para o vocábulo “renascer”, empregado por Julien Green em “*Langage et son double*”, no qual o autor declara:

O desejo de se exprimir deve insuflar [no escritor que muda de língua] o impulso de transpor todos os obstáculos, de *renascer*, de certa forma, em uma outra língua, de ser adotado, de dar ao desconhecido, no fundo de si mesmo, as chances da aventura humana (GREEN, 1987, p. 159, apud KLEIN-LATAUD, 1996, p. 219, grifos nossos).⁴

Escrever numa outra língua pode aparecer, então, como a “chance” de uma aventura quase indizível, não fossem os recursos da própria língua para apreender essa indizibilidade. Segundo Klein-Lataud, adotar uma outra língua, que não a língua materna, permite, a alguns escritores, a emergência do *Eu da escrita*, pois essa língua seria uma espécie de chave para um outro mundo a partir do qual o escritor se voltaria para o seu próprio mundo com outro olhar.

Com base nessas leituras, podemos afirmar que as pesquisas sobre identidade e bilinguismo desenvolvidas nas últimas décadas constituem um terreno fértil e que ainda há muito a ser explorado. Ao questionarmos as concepções de língua, de identidade, de língua materna e de língua estrangeira e ao nos depararmos com diferentes relações entre falante(s) e língua(s), torna-se inevitável rever a visão estanque e dicotômica do bilinguismo, pois a forma segundo a qual o sujeito convive com suas línguas nos convida a repensar a relação entre as línguas e a nossa própria constituição identitária.

⁴ *Le désir de s'exprimer doit insufler [à l'écrivain qui change de langue] l'élan de franchir tous les obstacles, de renaître en quelque sorte dans une autre langue, de se faire adopter, de donner à l'inconnu au fond de lui-même les chances de l'aventure humaine.*

As tramas de uma análise: bilinguismo e escrita em *Lettres parisiennes*

O livro *Lettres parisiennes: histoires d'exil* é composto por 30 cartas, escritas entre 1983 e 1985 pelas autoras Nancy Huston e Leïla Sebbar, e foi publicado em 1986, inicialmente com outro subtítulo: *autopsie de l'exil* (autópsia do exílio). Essa mudança de subtítulo parece demonstrar em que medida a relação das autoras com suas vivências na França mudou após as reflexões suscitadas pela escrita das cartas. Fazer uma autópsia do exílio seria uma tentativa de enterrá-lo, pois estaria morto, porém o questionamento do tema as fez perceber que isso era impossível, que elas são constituídas por esse exílio que funciona também como condição para suas produções escritas. Viver em outro país, com uma outra língua, faz parte da identidade dessas mulheres e é algo que não pode ser extirpado. A primeira parte do título, *Lettres parisiennes*, se manteve e anuncia a geografia da produção dessas cartas que surgiram do desejo das autoras de investigar e dialogar sobre a vida, mais especificamente, sobre a vida no país do outro.

Foi o deslocamento geográfico e linguístico vivido por ambas que possibilitou a identificação necessária para a escrita das cartas. Tal correspondência também foi motivada pela necessidade – gerada pela ânsia humana por racionalizar o mundo a sua volta – de apreender o indefinido, e talvez sempre indefinível, da condição humana, de compreender minimamente suas vivências, ou seja, seus exílios. Nas palavras de Huston: “A razão da minha presença aqui, de meu exílio voluntário, se situa num outro plano... que eu vou tentar definir, pouco a pouco, com você” (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 12)⁵. Ao longo do livro, o exílio aparece marcado por muitas negativas, muitas indagações e hipóteses, mas poucas afirmações. Nessa tentativa incessante de se situarem em relação à vivência entre culturas e línguas e de darem um lugar ao exílio, deflagram-se fragmentos, rastros e restos de um todo imaginado ou sonhado do que poderia vir a ser chamado de suas identidades ou identidades do *eu*.

É o exílio que coloca para as escritoras a questão da identidade pessoal e das múltiplas identidades (nacional, cultural, linguística e sexual) que as constituem; é o motivo desconcertante e necessário de suas escritas. Como a própria Huston afirma, seu nascimento para a escrita coincide com o início da sua vida na França e com o início do Movimento das Mulheres, pois começou escrevendo para um periódico feminista, a revista *Sorcières*. A

⁵ *La raison de ma présence ici, de mon exil volontaire, se situe sur un autre plan... que je vais tenter de définir, peu à peu, avec toi.*

autora relata tal experiência enfatizando os sentimentos que marcam sua identidade como escritora:

Foi Xavière Gauthier que, me contatando e me solicitando um texto (nunca se falava em “artigos” na *Sorcières*, apenas “textos”) para o primeiro número da revista, forçou-me a ousar escrever em francês..., o que fiz, com muito tremor e embaraço, mas também com um prazer que eu nunca sequer teria imaginado em inglês (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 102).⁶

O tremor e o embaraço se confundem com o prazer, com o gozo que ela não pôde ter na língua da mãe. Escrever em francês pela primeira vez foi, podemos aqui dizer, como perder a virgindade, algo que se faz melhor fora de casa, que deve ser feito longe dos olhos dos pais. O gozo decorrente da escrita transparece em vários trechos, especialmente na forma poética como Huston narra sua primeira experiência de escrita em francês:

As palavras à minha disposição eram menos numerosas, mas elas tinham gosto e, principalmente, volume, elas estavam vivas; eu as organizava brincando com os sons como se eu construísse uma escultura musical... e isso funcionava (HUSTON; SEBBAR, p. 103).⁷

A autora demonstra, pelas escolhas lexicais de sua escrita, o prazer que sentiu ao produzir seu texto e ao ser convidada a continuar escrevendo; atividade libertadora para ela e que a fez se sentir sujeito de sua criação e ocupar um “lugar constitutivo da Verdade” de sua condição de mulher no mundo (COLLIN, 1999). Em Huston, as palavras do domínio das sensações, como *goût*, *vivants*, *jouant* e *doucement* (gosto, vivas, gozando, docemente), são atribuídas à escrita em língua francesa, enquanto ao inglês associam-se expressões negativas, como, por exemplo, *poids mort* (peso morto).

Huston busca incessantemente organizar as línguas na tentativa de manter uma certa ilusão de transparência e domínio sobre elas, entretanto, quando a impossibilidade de tal controle fica evidente, ela se sente mal, cansada, perdida, falsa:

⁶ *C'est Xavière Gauthier qui, en me contactant et en me demandant un texte (on ne parlait jamais d'«articles» à Sorcières, seulement de «textes») pour le premier numéro de la revue, m'a forcée à oser écrire en français..., ce que j'ai fait, avec beaucoup de trépidation et de maladresse, mais aussi avec un plaisir que je n'aurais même pas pu imaginer en anglais.*

⁷ *Les mots à ma disposition étaient moins nombreux, mais ils avaient un goût, ou plutôt un volume, ils étaient vivants ; je les agenciais en jouant sur les sons comme si je bâtissais une sculpture musicale... et ça marchait.*

[...] eu me sinto frequentemente falsa [...] eu sou francesa falsa, uma falsa canadense, uma falsa escritora, uma falsa professora de inglês... (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 101).⁸

Escrever aparece-lhe, então, como uma tentativa de fixar os sentidos do mundo e para si, mesmo sabendo que a escrita sempre (lhe) escapa, desliza entre os sons, as formas e as significações. O leitor de Huston percebe o jogo com a língua e se deleita com isso. Ela conhece a magia e a dificuldade inerentes ao ato de escrita, mas sabe também o quão valiosa pode ser a tarefa de escrever, pois para Huston o escritor:

[...] escreve para *expandir* o mundo, eliminar suas fronteiras. Escreve para que o mundo seja duplicado, arejado, irrigado, questionado, iluminado por um *outro* mundo que o torne habitável. Ao fazê-lo, o escritor traduz. Não é algo fácil. Fazemos o que podemos (2007, p. 153-154, grifos originais).⁹

É a estranheza da língua, o sentir-se estranho em sua própria morada – que nunca é verdadeiramente própria –, a não obviedade da linguagem e de seu acontecimento, por vezes, a curiosidade em descobrir o mundo ou eliminar suas fronteiras que permitem ao escritor arriscar-se na aventura das línguas. Nesse sentido, Huston relata:

A mesma coisa vale para a língua: apenas a partir do momento em que nada era óbvio – nem o vocabulário, nem a sintaxe, nem sobretudo o estilo –, a partir do momento em que estava abolido o falso natural da língua materna, que eu encontrei coisas para dizer. Meu “nascimento para a escrita” está intrinsicamente ligado à língua francesa. Não que eu a ache mais bela nem mais expressiva que a língua inglesa, mas, estrangeira, ela é suficientemente *estranha* para estimular minha curiosidade (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 14).¹⁰

Abolir o falso natural da língua materna significa perceber que a transparência e a homogeneidade da língua são apenas ilusões. Tal percepção nos remete à ideia de que o texto

⁸ [...] *je me sens souvent fausse [...] je suis fausse Française, une fausse Canadienne, une fausse écrivaine, une fausse professeur d'anglais...*

⁹ [...] *écrit pour agrandir le monde, pour en repousser les frontières. Il écrit pour que le monde soit doublé, aéré, irrigué, interrogé, illuminé par un autre monde, et qu'il en devienne habitable. Ce faisant, l'écrivain traduit. Ce n'est jamais chose facile. On fait ce qu'on peut.*

¹⁰ *La même chose vaut pour la langue : ce n'est qu'à partir du moment où plus rien n'allait de soi – ni le vocabulaire, ni la syntaxe, ni surtout le style -, à partir du moment où était aboli le faux naturel de la langue maternelle, que j'ai trouvé des choses à dire. Ma « venue à l'écriture » est intrinsèquement liée à la langue française. Non pas que je la trouve plus belle ni plus expressive que la langue anglaise, mais, étrangère, elle est suffisamment étrange pour stimuler ma curiosité.*

é um tecido heterogeneamente constituído e de que, segundo o pensamento derridiano, a escrita é um “perigoso suplemento [que] corrói a *lógica da identidade*” (NASCIMENTO, 2004, p. 29), lógica sustentada pela metafísica da presença¹¹. Assim, a própria escrita seria uma forma de abolir o falso natural ou original da língua materna, gerando um movimento que não cessa de se abrir para o outro e para a outra língua, questionando o próprio e a origem, pois, ao ser capaz de “repetir sem saber”, de acordo com a máxima derridiana (1972), a escrita complexifica a própria ideia de origem e a desloca de seu suposto lugar originário para o “espaço reinventado da alteridade”, conforme afirma Nascimento:

Assim, o valor geral da escrita (ainda de certo modo preso à oposição com a fala) se deixa apreender pelo valor inaugural de arqui-escrita, incluindo-se nisso a própria *phoné*, a pretensa voz autoral como fator de intencionalidade una e homogênea. Assim, a arqui-escrita inverte e desloca os valores tradicionais do logocentrismo e do fonocentrismo, deslocando-os para um outro horizonte, o espaço reinventado da alteridade (2004, p. 35).

Se, por um lado, é por meio da questão da escrita que conceitos fundamentais de uma tradição filosófica logocêntrica, pautada nos critérios de verdade e presença, são deslocados ou desconstruídos, e se, dessa forma, a escrita desterritorializa saberes antes inabaláveis da razão humana, por outro, e de maneira quase paradoxal, é também na escrita, e por meio dela, que muitos encontram morada, ou seja, um território para dizer suas origens ou se dizer de algum lugar.

Ao repensar toda a sua história, desde a escola até o casamento, passando pela profissão de professora e de escritora, Sebbar conclui e confessa a Huston:

Parece-me às vezes que minha única terra, talvez também para você, é a escrita, a escola, o livro (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 131).¹²

É, então, o desejo de encontrar morada na escrita que aproxima as duas mulheres nascidas em lados opostos do oceano. Ao longo das cartas esse tema retorna inúmeras vezes, de várias formas, associado a diferentes memórias e relacionamentos. Estar no entre línguas e culturas traz à tona questionamentos territoriais. Um país, uma nação ou uma língua não representam repouso e tranquilidade para esses sujeitos que, por diversas razões, tiveram a ilusão de completude e *normalidade* turvadas. A falta de um lugar fixo que represente uma

¹¹ Para uma discussão mais detalhada sobre o assunto ver DERRIDA (1967 e 1972).

¹² *Il me semble parfois que ma seule terre, peut-être aussi pour toi, c'est l'écriture, l'école, le livre.*

morada parece desencadear um desejo incessante por algum outro lugar que possa reparar tal ilusão e acomodar os fragmentos de uma identidade territorialmente abalada.

No caso de Sebbar, é o lugar de origem, a terra natal, que a faz se sentir estrangeira em sua própria casa. A língua do lugar, ou, como ela diz, a língua do autóctone é uma língua desconhecida, que ela se recusa a aprender e da qual quer também se manter distante, pois essa distância é a condição necessária de sua escrita:

Eu creio ter sido [*desnaturalizada*] suficientemente nas passagens de uma cultura a outra, de um país a outro, de uma língua da escola e da minha mãe a uma outra língua que eu não aprendi, que não quis aprender nem praticar, nem ler nem escrever, que eu quero sempre *apenas* ouvir. Pois o que eu sei, depois de tantos anos de múltiplas práticas da língua materna, o francês, é que se eu tivesse aprendido árabe, a língua de meu pai, a língua do autóctone, a falar essa língua, a lê-la, a escrevê-la..., eu não teria escrito. Hoje, eu tenho certeza disso. Se eu tivesse ficado no país de meu pai, meu país natal com o qual eu tenho uma história tão ambígua, eu não teria escrito, porque fazer essa escolha significava fazer aliança com uma terra, com uma língua, e se fazemos aliança ficamos tão perto que não temos mais visão nem audição, e não escrevemos, não estamos em posição de escrever (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 19, grifos originais).¹³

Sebbar usa com frequência termos que fazem apelo à intersecção, mas também à divisão, à separação e ao desequilíbrio para referir-se a si, a seus gostos e à sua vivência. Essa divisão, por vezes desestabilizadora, “uma divisão em perigo permanente de unidade, de unificação” (p. 27)¹⁴, para a qual não haveria sequer uma palavra certa ou justa, faz parte de sua identidade, é o fundamento de sua escrita e a morada de seu exílio:

Felizmente, graças a uma viagem a Marseille, tive certeza – porque se tratava, naquela noite, de culturas cruzadas – de que não escaparei à divisão biológica da qual nasci. Nada, eu sei, jamais evitará, nem abolirá a ruptura primeira, essencial: meu pai árabe, minha mãe francesa; meu pai mulçumano, minha mãe cristã; meu pai cidadão de uma cidade marítima, minha mãe habitante do interior da França.... Eu me apego ao cruzamento, em desequilíbrio constante, por medo da loucura e da negação, se eu estou

¹³ *Je crois l'avoir [dénaturée] été suffisamment dans les passages de l'une à l'autre culture, d'un pays à l'autre, d'une langue de l'école et de ma mère à l'autre langue que je n'ai pas apprise, que je n'ai pas voulu apprendre ni pratiquer, ni lire ni écrire, que je veux toujours seulement entendre. Car ce que je sais, après tant d'années de pratiques multiples de la langue maternelle, le français, c'est que si j'avais su l'arabe, la langue de mon père, la langue de l'indigène, la parler, la lire, l'écrire..., je n'aurais pas écrit. De cela je suis sûre aujourd'hui. Si j'étais restée dans le pays de mon père, mon pays natal avec lequel j'ai une histoire si ambiguë, je n'aurais pas écrit, parce que faire ce choix-là, c'était faire corps avec une terre, une langue, et si on fait corps, on est si près qu'on n'a plus de regard ni d'oreille et on n'écrit pas, on n'est pas en position d'écrire.*

¹⁴ *Cette division en danger permanent d'unité, d'unification.*

deste ou daquele lado. Então, eu estou na borda de cada uma dessas bordas... (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 199).¹⁵

Estar entre línguas e culturas não significa, para Sebbar, estar no meio, no centro; ao contrário, ela é empurrada para as margens, para as bordas de cada lado, de cada cultura. No entanto, o apego à borda e a aceitação do exílio nasce da herança deixada pelos pais, que também possuem suas vidas marcadas pelo desterro:

Filha de um pai em exílio na cultura do Outro, do Colonizador, longe de sua família, em ruptura de religião e de costumes, filha de uma mãe em exílio geográfico e cultural – minha mãe deixara no drama uma família de agricultores de Dordogne para seguir um árabe num país distante –, eu herdei, acho, desse duplo exílio parental uma disposição ao exílio, ouvi dizer que há, no exílio, tanto solidão quanto excentricidade (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 51).¹⁶

O exílio é percebido e vivido de formas diferentes por cada uma das autoras. Huston diz não ter ido tão longe quanto Sebbar em sua reflexão sobre o exílio. Ela reconhece que para a amiga o exílio se apresenta como algo mais refletido, que é um tema recorrente de vários outros escritos de Sebbar e que faz parte de sua trajetória:

Eu acabo de receber *Parle mon fils, parle à ta mère* e *Le Chinois vert d'Afrique*; eu só tive tempo de folheá-los, mas fiquei impressionada com o fato de que nesse momento seus livros exploram sensivelmente os mesmos temas que estas “cartas parisienses”: o exílio, o cruzamento de culturas, a ambivalência ruidosa da relação entre a Argélia e a França... Não é, ou ainda não, meu caso: é apenas nestas páginas, com você, que eu reflito a respeito da minha experiência de estrangeira: tudo o que escrevo em outro lugar é algo escamoteado, um não-dito, talvez um interdito. No entanto, eu não finjo [...] ser uma “verdadeira Francesa”, nem dentro nem fora dos meus livros (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 121-122).¹⁷

¹⁵ *Heureusement, grâce à un voyage à Marseille, j'ai la certitude – parce qu'il était question là-bas, ce soir-là, de cultures croisées – que je n'échapperai pas à la division biologique d'où je suis née. Rien, je le sais, ne préviendra jamais, n'abolira la rupture première, essentielle : mon père arabe, ma mère française ; mon père musulman, ma mère chrétienne ; mon père citadin d'une ville maritime, ma mère terrienne de l'intérieur de la France... Je me tiens au croisement, en déséquilibre constant, par peur de la folie et du reniement si je suis de ce côté-ci ou de ce côté-là. Alors je suis au bord de chacun de ces bords...*

¹⁶ *Fille d'un père en exil dans la culture de l'Autre, du Colonisateur, loin de sa famille, en rupture de religion et de coutumes, fille d'une mère en exil géographique et culturel – ma mère avait quitté dans le drame une famille d'agriculteurs de Dordogne pour suivre un Arabe dans un pays lointain –, j'ai hérité, je crois, de ce double exil parental une disposition à l'exil, j'entends là, par exil, à la fois solitude et excentricité.*

¹⁷ *Je viens de recevoir *Parle mon fils, parle à ta mère* et *Le Chinois vert d'Afrique* ; je n'ai eu le temps que de les feuilletter, mais j'ai été frappée par le fait qu'en ce moment tes livres explorent sensiblement les mêmes thèmes que ces « lettres parisiennes » : l'exil, le croisement de cultures, l'ambivalence grinçante du rapport entre l'Algérie et la France... Ce n'est pas, ou pas encore, mon cas : il n'y a que dans ces pages, avec toi, que je*

Sebbar faz dessa história de cruzamentos culturais, linguísticos, políticos e religiosos, sua própria história. Narrar a tradição e a modernidade, o Oriente e o Ocidente, o outro e o mesmo, é, para a autora, uma forma de se narrar, e talvez a única:

Eu sou francesa, escritora francesa de mãe francesa e pai argelino..., e os assuntos dos meus livros não são minha identidade, eles são o sinal de minha história de cruzamento, de mestiça obcecada pelo seu percurso e caminhos de travessia, obcecada pelo encontro surrealista do Outro e do Mesmo, pelo cruzamento antinatural e lírico da terra e da cidade, da ciência e da carne, da tradição e da modernidade, do Oriente e do Ocidente (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 134).¹⁸

Nessas narrativas entrecruzadas de exílios parentais, de mudanças de país, de sentimento de abandono e de constantes movimentos identitários, e também pelo fato de as duas escritoras sentirem-se excluídas e sozinhas quando crianças, ainda que por razões distintas, a infância ganha importância em seus escritos. Desde pequenas, elas se refugiavam nos livros, já que, enquanto liam, não eram julgadas nem segregadas por não se encaixarem nas normas sociais ou familiares. A literatura já se apresentava a elas como uma forma de fuga, um território estrangeiro, no qual se sentiam livres para mentir, para criar outras identidades e para se reinventarem.

É nesse contexto que podemos apreender as palavras de Huston quando afirma que: “na conversa, ao contrário da escrita, sou incapaz de mentir” (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 196)¹⁹. E acrescenta que ama a possibilidade de criar para si, ao escrever, uma identidade *homogênea e monótona* – como ela gostaria de ser, mas que reconhece ser impossível. A observação sobre o fato de ser incapaz de mentir ao falar e capaz de fazê-lo ao escrever nos permite retomar, conforme explicita Nascimento (2004), a leitura que faz Derrida das considerações platônicas sobre a escrita e a fala, as quais se pautam no logocentrismo, no qual “um discurso falado aparentemente tem uma só voz, uma única substância fônica, enquanto uma escrita pode ser dotada de múltiplas ‘vozes’, repetidas, diferidas, entrecruzadas”

réfléchis à mon expérience d'étrangère : dans tout ce que j'écris par ailleurs c'est une chose escamotée, un non-dit, peut-être un interdit. Pour autant, je ne fais pas semblant [...] d'être une « vraie Française », ni à l'intérieur ni à l'extérieur de mes livres.

¹⁸ *Je suis française, écrivain français de mère française et de père algérien..., et les sujets de mes livres ne sont pas mon identité, ils sont le signe de mon histoire de croisée, de métisse obsédée par sa route et les chemins de traverse, obsédée par la rencontre surréaliste de l'Autre et du Même, par le croisement contre nature et lyrique de la terre et de la ville, de la science et de la chair, de la tradition et de la modernité, de l'Orient et de l'Occident.*

¹⁹ *dans la conversation, contrairement à ce qui se passe dans l'écrit, je suis incapable de mentir.*

(NASCIMENTO, 2004, p. 25-26). O sentir-se incapaz de mentir na fala parece relacionar-se com o discurso fonocêntrico, o qual entende que a voz representa a presença, a verdade, a expressão direta do pensamento, enquanto a escrita difere, é órfã de pai, parricida e *mentirosa*, constituída na *différance* e no adiamento.

Todos os relatos das autoras em relação às suas escritas são fundamentais para o entendimento do bilinguismo como condição de suas escritas; pois é dessa posição entre línguas e culturas, entre o estrangeiro e o materno, o próprio e o outro, o familiar e o estranho que nasce, para ambas, a possibilidade de escrita. Se a alteridade é constitutiva dos processos de identificação do sujeito, ela também é fundamental na prática da escrita. Assim, Sebbar e Huston demonstram, de diferentes formas, o papel singular das línguas na constituição identitária do sujeito. No caso específico de Huston, há um esforço para demarcar lugares próprios para cada língua, ou seja, lugares distintos para o francês e para o inglês, o que é frustrado pelas idas e vindas e pela sua própria errância em cada uma dessas línguas. Daí a constatação de experimentar um sentimento próximo ao do analfabetismo, tal como declara:

[...] ao final de dez anos de vida no estrangeiro, longe de me tornar “perfeitamente bilíngue”, eu me sinto duplamente mílingue, o que não é muito diferente de analfabeta... (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 77).²⁰

Sebbar, por sua vez, não fala árabe e também não escreve nessa língua, mas reconhece a autoridade da língua do pai na sua trajetória de escritora. O medo de perder o pai a leva a dizer:

Temo a morte de meu pai. Temo um secamento, porque, hoje, entendo que ele é minha fonte e meu recurso na língua francesa, que teria permanecido letra morta, simples ferramenta de expressão, de comunicação, sem história paternal, sem a aventura cruzada, amorosa de meu pai e de minha mãe, da Argélia e da França ligadas na ocupação, na guerra, no trabalho de colonização e de libertação (HUSTON; SEBBAR, 1986, p. 161).²¹

Na trama dessas línguas e no cruzamento dessas escritas, percebemos, de imediato, que o francês, não é *letra morta*, ao contrário, língua própria ou estrangeira, ele é o recurso

²⁰ [...] au bout de dix années de vie à l'étranger, loin d'être devenue « parfaitement bilingue », je me sens doublement mi-lingue, ce qui n'est pas très loin d'analphabète...

²¹ J'ai peur de la mort de mon père. J'ai peur d'un tarissement, parce que je comprends aujourd'hui qu'il est ma source et ma ressource dans la langue française qui serait restée lettre morte, simple outil d'expression, de communication, sans l'histoire paternelle, sans l'aventure croisée, amoureuse de mon père et de ma mère, de l'Algérie et de la France liés dans l'occupations, la guerre, le travail de colonisation et de libération.

que permite o trabalho de elaboração das narrativas de si e do outro. Para aludir ao gênero da obra cuja leitura aqui esboçamos, podemos ainda dizer que, para as autoras, o francês é uma forma de se traduzir, ou seja, simplesmente o desejo de uma *correspondência* entre línguas.

Trama final: questão para concluir

Pensar a escrita como um tecido que se forma no rastro ou como rastro, como postula Derrida (1967), fundamenta e justifica, teórica e metodologicamente, a análise das cartas aqui apresentadas e nos permite refletir sobre questões de identidade e bilinguismo. É nesse sentido que buscamos evidenciar, por meio de nossa leitura, as particularidades de um bilinguismo que atua como condição de escrita para as autoras. O ato de escrever, como mencionado anteriormente, se apresenta para Huston e Sebbar como uma tentativa de apropriação das línguas e das culturas nas quais suas respectivas histórias e identidades vão se tecendo. No entanto, é impossível apropriar-se da(s) língua(s), pois ela(s) não comporta(m) nada em próprio; “não existe propriedade natural da língua” (DERRIDA, 1996, p. 46), esta vive sob a lei da desapropriação ou da ilusão que permitiria crer numa apropriação possível. Há uma hipótese, conforme afirma Derrida, e é preciso considerá-la:

[...] nunca há apropriação ou reapropriação absoluta. Uma vez que não existe propriedade natural da língua, esta só dá lugar à raiva apropriadora, ao ciúme sem apropriação. A língua fala esse ciúme, a língua não é senão o ciúme desprendido. Ela se vinga no coração da lei. Da lei que ela própria é, aliás, a língua é louca. Louca por si mesma. Louca varrida (DERRIDA, 1996, p. 46).²²

É provavelmente a partir dessa hipótese que escrevem Huston e Sebbar; é dessa constatação disseminando paixão e dor que se tecem suas narrativas pessoais e fictícias. A trama é complexa. No cerne da língua, irrompe a loucura da apropriação. O próprio é aqui condição do inapropriável, de uma lei que impera sobre qualquer desejo de apropriação. Nada mais pertence: nem a herança, nem o país natal, nem a terra de origem, nem a língua, enfim, não há nenhuma genealogia disponível para esses sujeitos que também não podem sequer apropriar-se daquilo que “as pessoas chamam muito rapidamente uma ‘língua materna’”

²² [...] *il n'y a jamais d'appropriation ou de réappropriation absolue. Parce qu'il n'y a pas de propriété naturelle de la langue, celle-ci ne donne lieu qu'à de la rage appropriatrice, à de la jalousie sans appropriation. La langue parle cette jalousie, la langue n'est que la jalousie déliée. Elle prend sa revanche au coeur de la loi. De la loi qu'elle est elle-même, d'ailleurs, la langue, et folle. Folle d'elle-même. Folle à lier.*

(DERRIDA, 1996, p. 64). No entanto, o que pode significar uma língua materna muito rapidamente chamada assim? Qual o espaço-tempo dessa língua? Como se fala propriamente uma língua materna?

Ao repensarmos o materno e o estrangeiro a partir das cartas parisienses e, sobretudo, a partir dessa visada da não apropriação da língua, podemos avançar que se o próprio da língua é não ter morada própria e se ela se constitui num e como um processo constante de disseminação, esvazia-se, também, o lugar próprio de onde se fazia valer a hierarquia do materno e do estrangeiro, do familiar e do desconhecido, do possível e do impossível, do dentro e do fora (Cf. DEÂNGELI, 2012). Nesse sentido, é no engajamento do entre línguas ou do entre-as-línguas, ainda que do entre possa irromper o conflito, que procuramos ler a tessitura da correspondência entre Huston e Sebbar. Correspondência que vai além do simples desejo de desvelar a letra estrangeira e que se traduz pela promessa de um entendimento do outro, de sua língua e de sua cultura, de seu bilinguismo e de sua diferença, enfim, de um apelo à alteridade e ao que nela se revela (quase) incompreensível.

Referências

- CLÉMENS, É. *La fiction et l'apparaître*. Paris : Albin Michel, 1993.
- _____. Les langues dans la langue. *Études françaises*. vol. 33, n. 1, p. 119-122, 1997.
- COLLIN, F. *Le différend des sexes*. Paris: Éditions Plein Feux, 1999.
- CORACINI, M. J. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.
- DEÂNGELI, M. A. *A literatura na língua do outro*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- DERRIDA, J. *De la grammatologie*. Paris : Minuit, 1967.
- _____. La pharmacie de Platon. In : _____. (Org.). *La dissémination*. Paris : Seuil, 1972, p. 68- 197.
- _____. *Le monolinguisme de l'autre : ou la prothèse d'origine*. Paris : Galilée, 1996.
- GREEN, J. *Le Langage et son double*. Paris : Éd. du Seuil, 1987.
- HUSTON, N.; SEBBAR, L. *Lettres parisiennes: histoires d'exil*. Paris: J'ai lu, 1986.
- HUSTON, N. Traduttore non è traditore. In: LE BRIS, M.; ROUAUD, J. (Orgs.). *Pour une littérature-monde*. Paris: Gallimard, 2007, p. 151-160.

KLEIN-LATAUD, C. Les voix parallèles de Nancy Huston. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*. 9, n. 1, p. 211-231, 1996.

MELMAN, C. *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e de país*. Trad. Rosane Pereira. Organização e revisão de Contardo Calligaris. São Paulo: Escuta, 1992.

NASCIMENTO, E. *Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

OLIVEIRA, G. *O bilinguismo como condição de escrita: questões de identidade e de língua em Lettres parisiennes, de Leïla Sebbar e Nancy Huston*. 2016. 80 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2016.

ROBIN, R. *Le Deuil de l'origine. Une langue en trop, la langue en moins*. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, 1993.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73-102.

Artigo recebido em: 30/07/2017.

Artigo aceito em: 29/11/2017.

Artigo publicado em: 23/12/2017.